

Narrativas trans na cultura audiovisual: transfeminismo e dororidade na série Manhãs de Setembro¹

Carolina Tavares MATOS²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

RESUMO

A pesquisa dedica-se ao estudo de como a série Manhãs de Setembro, ao explorar temas como transfeminismo³ e dororidade⁴, foge de narrativas estereotipadas para pessoas trans e possibilita a criação de um novo imaginário sobre estes corpos na cultura audiovisual. O trabalho é desenvolvido com base na análise de conteúdo e se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a valorização da coleta, interpretação e decodificação de informações a partir do objeto. Os resultados deste estudo indicam para um caminho em que apenas a partir do momento que estes sujeitos marginalizados passarem a ser protagonistas de suas narrativas, seus corpos deixarão de ser vistos como à margem e romperão com o estigma criado pela história única contada sobre eles mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas trans, manhãs de setembro, transfeminismo, dororidade.

Ao abordar o corpo trans e a cultura audiovisual, o documentário Revelação, da netflix, convida grandes nomes de Hollywood para discorrerem sobre suas experiências. A atriz e produtora Lavern Cox (2021) fala sobre um panorama geral sobre as formas como corpos trans foram abordados nas telas: “Acho que, por muito tempo, a forma como pessoas trans foram representadas nas telas sugeriu que não somos reais, sugeriu que somos doentes mentais, que não existimos.”.

Ademais, não é preciso ir muito longe na história do cinema e da TV para se deparar com personagens trans que, assim como a atriz menciona, foram abordados e tratados como problemáticos, hipersexualizados, seres não confiáveis. Nessa perspectiva, observa-se que as histórias sobre corpos trans forma contadas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Cinema e audiovisual e interdisciplinaridade), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará. Linha de Pesquisa de Fotografia e audiovisual. Email: carolinatavaresmts@gmail.com

³ Tranfeminsimo é uma vertente do feminismo que se apresenta como um espaço para que pessoas trans tenham suas pautas ouvidas e discutidas (NASCIMENTO, 2021).

⁴ Dororidade é um conceito criando por Vilma Piedade (2018) que significa a soriridade entre mulheres a partir de suas dores. As faltas e ausências conectam estas mulheres.

majoritariamente por terceiros, histórias essas que reduziam as subjetividades dessas pessoas e as transformavam em estigmas (CHAMUSCA, 2011).

Observa-se, portanto, que o corpo trans ao longo da história sofreu estigmatização e foi empurrado pela sociedade para uma margem. Viviam e vivem à margem aqueles indivíduos que fogem do padrão de cor, classe, gênero e sexualidade (RIBEIRO, 2014). Sendo a transgeneridade uma quebra desse ideal, estes indivíduos são vítimas dessa marginalização e isso é refletido na cultura audiovisual. Esta que, por sua vez, e dentre outros, é um meio de representação dos indivíduos e da sociedade, um meio de formação da subjetividade de seus espectadores e um instrumento que desenvolve pedagogias da sexualidade (LOURO, 2010). A cultura audiovisual, portanto, se apresenta como um campo aberto a interdisciplinaridade pois viabiliza discussão sobre questões da sociologia, filosofia e sociedade de modo geral.

A partir deste problema, questiona-se: quais os caminhos para romper com esses estigmas e criar novos imaginários e possibilidades para que estes corpos e estas narrativas deixem de ser marginalizadas na cultura audiovisual?

Em determinado momento da série Manhãs de Setembro, o objeto da pesquisa, a personagem Cassandra fala que sempre sonhou em ser uma mulher forte, porém, após a maturidade ela diz perceber que não teve outra escolha. Apesar de simples, este curto diálogo já revela a personagem enquanto alguém que é inteiramente protagonista de sua narrativa, não está subalterna a outra ou servindo de cabide para que estereótipos pejorativos lhe sejam pendurados.

Visando construir um novo imaginário sobre narrativas trans na cultura audiovisual, a série manhãs de setembro se apresenta como um rico objeto para que esse novo cenário possa ser construído. Ao abordar uma personagem como Cassandra, a protagonista, uma mulher trans, negra e humilde para além de estereótipos, a série abre espaço para o debate sobre temas como transfeminismo e dororidade.

Dado o objeto, o objetivo geral da pesquisa se apresenta como a busca pelos aspectos que fazem de Manhãs de Setembro uma obra que rompe com estigmas preestabelecidos. Ademais, os objetivos específicos são decupar os episódios e as cenas, interpretar aquilo que está implícito na série e, por fim, discutir os pontos que fazem a narrativa de Cassandra ir na contramão de tantas outras.

Levando em consideração a valorização da subjetividade presente no objeto e a importância de pesquisar aquilo que está implícito, este trabalho, de natureza básica, desenvolve uma pesquisa descritiva e analítica. Isto através de uma abordagem qualitativa, esta que é definida por Denzin e Lincoln (2006) como uma abordagem que se constrói através de dados não quantificáveis.

Ainda na área metodológica, a pesquisa realiza uma análise de conteúdo, esta que para Bardin (1991) é dividida em três etapas, são elas: pré-análise, exploração material e tratamento dos resultados. Esses três processos podem ser percebidos na pesquisa da seguinte maneira, na primeira etapa é realizada a revisão literária e observação do objeto, na segunda a organização dos dados em formato de decupagem, e, por fim, a terceira fase que é a interpretação dos dados obtidos da decupagem e associação deles com outros conceitos afim do enriquecimento do trabalho.

Vale ressaltar a importância da decupagem para a realização do trabalho. Dividia em: temporada e episódio, cena, ação da cena, personagens na cena e temática abordada, a decupagem revela as principais temáticas discutidas ao longo das duas temporadas. Após todo este processo chegou-se aos seguintes dados:

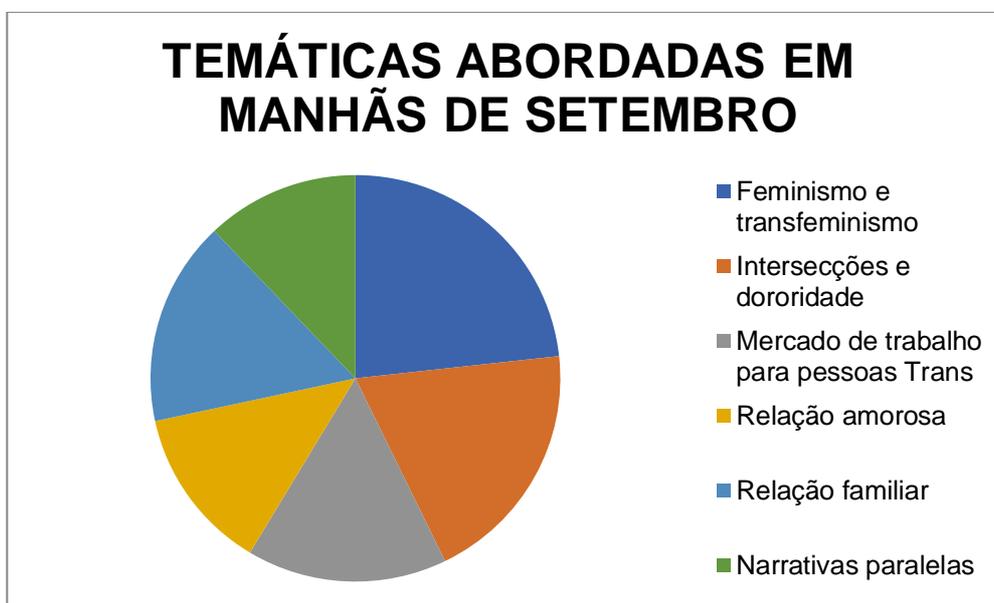


Figura 1 - Fonte: Própria (2023)

Após esta decupagem chegou-se a conclusão que os temas que mais são percebidos ao longo da série e mais fogem de narrativas que estereotipam corpos trans

são: transfeminismo e dororidade. Portanto, observa-se que são estes os pontos que fazem com que manhã de setembro contribua para a construção deste novo imaginário sobre corpos trans na cultura audiovisual.

Outros resultados encontrados são de que a estigmatização e marginalização desses corpos acontece na cultura audiovisual pois também acontece na sociedade. A cultura audiovisual, portanto, funciona como um palco em que essa estigmatização é ampliada. Não existe um vilão ou um mocinho nos processos de comunicação e representação. As práticas midiáticas perpetuam estigmas.

Ao final da pesquisa observa-se, também, que para que esse ciclo seja rompido e reconfigurado será necessário que as narrativas trans deixem de ser contada pelo olhar de terceiros e sob o viés da estigmatização e subalternação. Uma narrativa deixa de ser marginal e passa a ser uma nova visão sobre aquele sujeito quando a história deixa de ser contada exclusivamente a partir de estereótipos⁵ e estes indivíduos passam a ser protagonistas de suas narrativas.

Ao ser convidada para escrever o texto que compunha a contracapa da obra de Quinalha (2022) sobre Movimentos LGBT, a deputada Erika Hilton se dedicou a falar sobre a importância de que essas pessoas contem suas próprias histórias. Para tal, Hilton, que além de deputada é uma travesti, negra e ativista, usa um ditado africano que diz que “enquanto os leões não contarem suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis”. Saindo da analogia, esse sistema de vilões e mocinhos operou e segue operando de maneira subliminar. Corpos que estavam dentro de um padrão heterocisnormativo foram postos acima de corpos que fugiam desse sistema e, esses corpos dissidentes, passam a ocupar lugares de marginalização e estigmatização.

Entende-se, portanto, que esta pesquisa ao problematizar narrativas trans na cultura audiovisual e a busca por novas experiências e fuga de estigmas, a resposta encontrada é que o caminho para essas novas narrativas surge a partir do protagonismo destes indivíduos marginalizados. Não apenas em ter atores e atrizes trans interpretando personagens trans, mas que essas narrativas trans sejam contadas sem o peso dos estereótipos que estigmatizam e marginalizam essa parcela da população. Protagonismo trans é mais que um personagem com muitas falas, se trata de narrativas onde esses

⁵ A pesquisadora Tess Chamusca (2011) define estereótipos como a redução de significados e da subjetividade dos indivíduos.

corpos dissidentes estão no controle de seus caminhos e suas escolhas deixam de ser tomadas por e para complementar histórias de terceiros.

Por fim, conclui-se que não é possível fugir de tudo que já foi construído até aqui e tão pouco que uma personagem sozinha será capaz de mudar todo um sistema que estigmatiza e silencia estes indivíduos. Porém, pouco a pouco, vão surgindo novas narrativas sobre corpos trans, estas que serão grandes responsáveis pelo processo de romper com a marginalização imposta e possibilitarão novas visões sobre eses corpos, desde as ruas até as telas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análisis de contenido**. Ediciones Akal, 1991.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense – coleção Primeiros Passos, 2008.
- BENTO, Berenice. **Política da diferença: feminismos e transexualidades**. Stonewall, v. 40, p. 79-110, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Cinema e sexualidade**. Educação e realidade, v. 33, n. 01, p. 81-97, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1988
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Editora Vozes. 2012.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, v. 340, p. 1990, 1999.
- LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. Editora Jandaíra, 2021.
- PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. Nós, 2018
- PIRAJÁ, Tess Chamusca. **Das calçadas à tela de tv: representações de travestis em séries da rede globo**. 2011
- QUINALHA, Renan Honório. **Novos rumos para os direitos das pessoas LGBTI+**. 2022.
- RIBEIRO, Djamila. **Linguagem, gênero e filosofia: qual o mundo criado para as mulheres? Uma abordagem wittgensteiniana**. Sapere Aude, v. 5, n. 9, p. 453-463, 2014.



RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2016.

STRYKER, Márcia; BURKE, Pedro J.; **O passado, o presente e o futuro de uma teoria da identidade**. Psicologia Social Trimestral, p. 284-297, 2000.